



**Na “Torre das Donzelas”:
Dilma Rousseff e representações do Claustro da Histeria**

**In the “Torre das Donzelas”:
Dilma Rousseff and representations of the Cloister of Hysteria**

Raabe Cesar Moreira Bastos¹
Gabriela Santos Alves²

Resumo: O artigo analisa o percurso realizado pelo jornalismo tradicional hegemônico para a transposição da imagem de Dilma Rousseff: de presidenta à louca. O texto examina o claustro da histeria em suas construções históricas culturais, bem como exemplifica como tal clausura, através do discurso e da imagem, atinge todas as mulheres. Serão analisadas, à luz de teorias feministas e dos discursos, três matérias e uma capa de revista.

Palavras-Chave: Jornalismo; Gênero; Histeria; Dilma Rousseff; Torre das Donzelas.

Abstract: The article analyzes the route taken by hegemonic traditional journalism to transpose the image of Dilma Rousseff: from president to madwoman. The text examines the cloister of hysteria in its cultural historical constructions, as well as exemplifies how such cloister, through discourse and image, affects all women. Three articles and a magazine cover will be analysed, in the light of feminist theories and discourses.

Keywords: Journalism; Gender; Hysteria; Dilma Rousseff; Torre das Donzelas.

¹ Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com bolsa de Iniciação Científica financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes). E-mail: raabebastos19@gmail.com

² Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação e Cultura. Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades (UFES). E-mail: gabriela.alves@ufes.br



Introdução

Este artigo busca analisar os meios pelos quais o jornalismo tradicional hegemônico brasileiro, em suas mais diversas influências, colabora, desde o processo de impeachment da ex presidenta do Brasil Dilma Rousseff, com a imposição do claustro da histeria em vidas de mulheres, estabelecendo uma reflexão sobre tal noção com a ideia de claustros femininos (LAGARDE, 2016). A ênfase do artigo está na clausura da histeria: tendo sido chamada de louca em diversas circunstâncias e épocas, Rousseff, ainda como maior representante do país, foi e é alvo de palavras e imagens constituintes de toda uma lógica de hegemonia masculina, onde a mulher, independente da ocupação, sofre violências simbólicas que perpetuam e impõem determinados valores culturais (BOURDIEU, 2002). O recorte se dá na mobilização construída para transportar a imagem de presidenta à louca, desvalorizando o feminino e o caracterizando como impróprio na constante utilização de termos e figuras pejorativas.

O vocábulo “histeria” vem do grego *histerus*, equivalente a “útero” (DIDI-HUBERMAN, 2015), configurando um ambiente próprio do feminino, onde corpos desviantes da norma patriarcal têm toda a sua história e possibilidade descoladas ao campo da loucura, com imposições de costumes e correções aos seus comportamentos e falas, regrado, ao molde da hegemonia masculina, vidas (LAGARDE, 2016). A partir do momento em que acontece o estabelecimento do corpo na zona da loucura, há a marginalização e a opressão social que colabora para o silenciamento, subjugação e segregação de vivências, “está na base do conjunto de instituições do Estado e da sociedade civil encarregadas de separar os diferentes” (LAGARDE, 2016, p. 689).

O discurso configura um espaço de legitimação, comunicando referentes da realidade social para todo aquele que participa de tal realidade, construindo memórias e imagens, criando um sentido, uma explicação para o mundo (BOURDIEU, 2002), portanto, a repetição jornalística de Dilma como louca exerce o estabelecimento do claustro da histeria. O realizar da constituição desta clausura através do chamamento trata-se da escolha de termos, figuras e noções que serão amplamente difundidas, com poder de legitimar ideais.

A linguagem opressiva não representa a violência, mas é a violência, pois limita (MORRISON, 1993), as mulheres como indivíduos que há pouco eram privadas do público,



agora o vivem com a constante sujeição de suas vidas aos meios comunicacionais que as oprimem pela naturalização do chamamento do desviante como feminino. A subalternidade é exercida pelo constitutivo expressivo, escrito ou falado, que produz sentido, é parte de um sistema que realiza sua agência controlando o uso de palavras, o patriarcado renova os paradigmas de dominação (HOOKS, 2020). É o anúncio da “realidade” que carrega controles e consequências (BUTLER, 2021). A performance da linguagem tem efeitos, configurando medidas que executam poderio social.

A relação da Torre das Donzelas com o jornalismo se faz justamente para evidenciar as violências simbólicas sofridas por Dilma e, conseqüentemente, por todas as mulheres do país. A Torre das Donzelas foi o conglomerado de celas femininas do Presídio Tiradentes, em São Paulo, no período da ditadura militar, 1964-1985. O local recebeu uma gama de presos mas se tornou conhecido por admitir, em sua maioria, presas políticas, incluindo Dilma Rousseff, tendo sido levada à prisão em 1970 acusada de “subversão”, permanecendo cerca de três anos no local. Ainda que palco dos horrores cometidos, principalmente contra mulheres, o espaço era conhecido como o “paraíso” em virtude do fato de que presos e presas, ao serem transferidos para a Torre das Donzelas, eram registrados e, assim, tinham sua existência documentada (ESTEVÃO, 2022). O registro se configurava como um aviso para a população, indicando o lugar onde não se deveria estar: seja no campo físico ou no das ideias.

Igualmente, a visibilidade jornalística exercida sobre a figura de Dilma confirma seu estado de poder no maior cargo executivo do país, se tratando de uma visibilidade onde, em vez de servir como impulso e significância para a aquisição de posição social por parte das mulheres, é utilizado pelo sistema patriarcal para reforçar que não é o ideal, gerando pressões e constrangimentos não só a ex-presidenta, como também a qualquer mulher que deseje e tente alçar cargo de liderança. A penitenciária, bem como o discurso de viés misógino, desumaniza e se torna uma ameaça não apenas para as mulheres, mas se realiza contra a democracia, sendo o aparelhamento social com intuito de destruição de representatividades.

A nomeação do conjunto de celas femininas como “Torre das Donzelas” também expõe a crueldade com que mulheres são tratadas mesmo em um cenário já brutal, como a ditadura. Nesse ambiente hostil, a agressividade se mostra pior em relação a elas: quando se trata de mulheres, os relatos são de métodos diferentes de tortura, entre eles estupros e xingamentos que



mencionam gênero. A violência simbólica no nome dado ao espaço em que as presas eram levadas está nas três palavras que a compõe: “torre” como o local que isola, também fazendo alusão aos contos de fadas, a história de Rapunzel; “das” como pertencente às mulheres, próprio do feminino; “donzelas” significando virgindade, submissão e docilidade. De tal maneira, “Torre das Donzelas” articula todo um ideal de feminino, assim como foi construída a caracterização também violenta de Dilma no campo midiático, que enclausurou toda a noção do que é ser mulher em articulação com o claustro da histeria.

O isolamento e o controle exercidos através da penitenciária cabe aqui como parâmetro de referência que diz sobre o simbólico com que enunciações jornalísticas têm realizado, onde há articulação de territórios de gêneros, explorando a imagem da ex-presidenta em construções discursivas que colaboram ativamente para o claustro da mulher. São discursos que endossam a misoginia, o patriarcado e, conseqüentemente, a noção do poder naturalmente pertencer ao homem, projetando paisagens imaginárias do local público e de chefia como competente unicamente ao masculino.

A histeria relacionada diretamente à imagem de Dilma, realiza a prisão, a manutenção do ideal feminino como propenso à loucura, sendo próprio dele patologias mentais. A elaboração da caricatura de desequilibrada mental de Rousseff é calculada (VIEIRA, 2018), possuindo caráter estrutural, se trata da histerização do corpo da mulher, noção construída ao longo de séculos que pretende a clausura mental e física do feminino, sendo um mecanismo fundamental dos instrumentos de poder do sexo masculino (FOUCAULT, 2003). A clausura da histeria modifica-se de acordo com a época em que se encontra, mas não cessa de existir, portanto, há normalização da linguagem violenta em relação às mulheres, gerando justificativa de que se trata de loucura. Os veículos midiáticos explicam e enfatizam comportamentos comuns de Dilma Rousseff como resultado de desequilíbrio, evidenciando que a loucura chega através do gênero, da condição de ser mulher, alicerçando a base da violência simbólica (GERALDES, 2016).

A agenda misógina de narrativas que desqualificam a mulher ocorre à luz do dia, desumanizando e inviabilizando o feminino. Os ataques sofridos por Dilma são concessões públicas, onde o masculino se coloca como porta-voz do discurso (HOLLANDA, 2020), indicando que o corpo feminino é comum, cabendo a quem quiser causá-lo violências. Ora, se



a mulher no mais alto cargo do país pode ser rechaçada, como ficam as mulheres de diversas outras classes? Tal análise se trata do diagnóstico da maioria feminina marginalizada. O campo de representação formado através dos processos discursivos encenou o desequilíbrio idealizante da mulher. Tomaram de Dilma o lugar a qual foi eleita e reeleita através do voto. Não está no gênero certo, como poderia ocupar a cadeira em que esteve? O sistema patriarcal, que tem o masculino como figura primária e fundadora do humano (BUTLER, 2021), não prevê mulheres no poder, se o alcançam, são chamadas de loucas, culpadas e, por fim, banidas. As mulheres eram privadas de falar sobre si, Dilma falava por um país.

Os efeitos causados por tal estratégia patriarcal são evidentes: A Inter-Parliamentary Union realizou uma pesquisa sobre a quantidade de mulheres na política; em fevereiro de 2022, o Brasil encontrava-se na 145ª posição, dentre 186 países analisados. A representatividade feminina, no Poder Executivo, alcança somente 3,7% nos estados e 11,8% nos municípios. No Poder Legislativo, são 17,3% de mulheres no Senado, 15% na Câmara dos Deputados e 16% nas Câmaras de Vereadores.³

Os significantes nos discursos sobre a ex-presidenta produzem e reproduzem sentidos do que é ser mulher, circulando na sociedade as ideologias estruturais da hegemonia masculina (BUTLER, 2021). A produção da figura de Rousseff dotada de vilania amordaçou mulheres, justificando o uso da histeria como acusação. O discurso é formador de interpretações de existências, as assimilando e ressignificando, em tal ótica, é poder (FOUCAULT, 2004). O artigo utilizará as capas e as matérias: “Uma presidente fora de si” (IstoÉ, abril de 2016), “As explosões nervosas da presidente” (IstoÉ, abril de 2016), “Dilma, a Vigarista, merecia virar sucessora de Maria I, a Louca” (Veja, novembro de 2018) e “Dilma virou moribunda como um zumbi e ninguém quer seu retorno ao poder” (Folha de São Paulo, setembro de 2021). Tendo como base as teorias e as publicações citadas, é buscado compreender e evidenciar o claustro da histeria que foi imposto à imagem de Dilma Rousseff, assim como relatar como vivências femininas são atingidas, projetando uma simbólica Torre das Donzelas.

³ Disponível em: <https://data.ipu.org/women-ranking?month=1&year=2022>. Acesso em: 30 maio 2022.



1. O Claustro pela palavra

Ainda que o vocábulo presidenta estivesse desde 1925 nos dicionários da Língua Portuguesa, Michel Temer vetou a palavra nas comunicações da EBC, era uma tentativa de desvalidar a eleição de Dilma Rousseff, uma mulher. A constituição social de noções e sujeitos se estabelece através da palavra, da construção do discurso, pois o chamamento realoca, fazendo parte do performativo (BUTLER, 2021), de tal maneira que vetar determinado termo inviabiliza, para fomento de noções patriarcais, possibilidades de elaboração de si em determinados espaços. A linguagem como parte de todo um sistema que pretende a clausura do feminino, deve ser interpretada e observada como ameaça, causando violências e enclausuramentos simbólicos.

A produção de sentido, através da palavra, para noções idealizantes de corpos, realiza o combate de tudo aquilo que foge à lógica de hegemonia masculina, aplicando a ideia de forasteira à imagem de Rousseff, onde sua posição de presidenta invade o que necessariamente pertence ao maculino: o poder. De tal maneira que causar o desamparo identitário, como a proibição da palavra “presidenta”, efetiva um golpe às mulheres todos os dias, pois, se tudo o que tem nome existe (FOUCAULT, 2016), a falta de nomeação própria para uma mulher no mais alto cargo executivo do país opera a impossibilidade quanto à existência de estabelecimento feminino em locais de poder.

Os enunciados produziram e produzem efeitos sociais, os chamamentos têm poder de constituição identitária do sujeito (FOUCAULT, 2003), de modo que os reconhecimentos de territórios alcançáveis ou não por mulheres foram e são perpassados por todas as noções presentes nas comunicações de massas, como o jornalismo tradicional hegemônico. Constituinte de toda uma lógica enclausurante que despende as experiências pessoais e políticas de Rousseff em prol da histerização de comportamentos normalizados em corpos lidos como humanos, sendo estes apenas homens (BUTLER), o jornalismo estabelece, através da difusão do discurso patriarcal, violências simbólicas cotidianas que privam a mulher do público, mantendo-a no privado. Retomando ao que muito já foi elaborado por Michelle Perrot: “De modo geral, quando as mulheres aparecem no espaço público, os observadores ficam desconcertados” (2005, p. 21).



Se, por um lado, o termo “presidenta” foi proibido ou alvo de dúvidas quanto sua veracidade, por outro, o chamamento de “louca” esteve entre os principais vocábulos para se referir à Dilma, fazendo com que houvesse transferência da capacidade para a incapacidade, utilizando o claustro da histeria para fixar e delimitar o espaço pelo qual as mulheres podem e devem transitar. A utilização da palavra “louca” exibiu uma das formas de controle e poder exercidos nos corpos femininos: a nomeação. O fato de que se pode utilizar uma expressão que denota doença e vulnerabilidade, mas é proibida outra que nomeia um cargo de autoridade, relata a produção de efeito social desejada pelos que detém o poder, no caso, os homens. Os discursos reinvocam uma relação estrutural de dominação (BUTLER, 2021), vê-se que há um esforço despendido para a ocasião reconstitua tal dominação estrutural.

A analogia do jornalismo com a “Torre das Donzelas” se fez a partir de reflexões teóricas quanto ao aprisionamento de corpos, onde o controle dado aos que comandam as prisões influencia diversas existências. De forma semelhante, ocorre em relação ao jornalismo, podendo ele se tornar uma prisão a determinados corpos, no caso, os das mulheres.

A articulação da nomeação “Torre das Donzelas” a um local que aprisionava mulheres é de grande simbologia no que se refere à história feminina. Seu nome recorda, carregando linguagem que inclui presente, passado e futuro, mitologias que foram associadas às existências das mulheres, de modo que seja de extrema violência nomear um conglomerado de celas femininas com tais palavras. Situar temporalmente e simbolicamente as locações, sejam essas ideais ou físicas, no que tange o enclausuramento do feminino, é esclarecer o relato para além do mito construído pela ótica masculina, que há muito é negado às mulheres (PERROT, 2005).

Hoje, quando reflito sobre minha experiência na Torre das Guerreiras, eu me pergunto: nos contos de fada, nas histórias de terror ou no caso das guerreiras, porque será que, sempre que querem prender mulheres, elas ficam aprisionadas em uma torre? Aos homens, o calabouço, o esgoto, as câmaras escuras. Às mulheres, as torres. Durante seu julgamento, Joana D’arc ficou presa na Torre de Rouen; Ana Bolena ficou presa na Torre de Londres; Rapunzel foi condenada por uma bruxa a viver numa torre. Prender mulheres em torres parece ser uma tradição. Elaboro várias hipóteses. Uma delas é que, no imaginário das sociedades patriarcais, as mulheres que devem ser punidas precisam ficar naquele plano superior e solar aonde somente os seres que existem no plano das idealizações conseguem chegar. Dragões e cavalos



alados, por exemplo, voam. Entretanto, bruxas também (ESTEVÃO, 2022, p. 163).

A prisão da mulher em manicômios, em mitos e em clausuras simbólicas é constitutiva da performance da imposição e perpetuação de valores culturais. A tentativa de encapsular toda a trajetória de Dilma Rousseff unicamente na noção de loucura foi enredada com intenção de inviabilizar as existências e possibilidades sociais através da linguagem. Assim, se tornando uma verdadeira “Torre das Donzelas” simbólica, refletindo a vida de milhões de mulheres brasileiras em suas mais diversas vivências.

2. O jornalismo como simbólica “Torre das Donzelas”

Veiculada em abril de 2016, a matéria “Uma presidente fora de si” (Figura 01), da IstoÉ, disse que o Planalto passava por dias de desordem, onde Rousseff estava dominada por sucessivas explosões nervosas, estando totalmente desconectada da realidade: “Dilma Rousseff perdeu também as condições emocionais para conduzir o governo [...] Segundo relatos, a mandatária está irascível, fora de si e mais agressiva do que nunca”. As palavras utilizadas revelam o claustro da histeria em que a ex-presidenta foi envolta, a dúvida quanto a sua capacidade mental está sempre em evidência. Em dado trecho, são citados psicanalistas e teorias como uma espécie de comprovação da situação. Ao longo do texto, há a destituição do poderio de Dilma enquanto presidenta, para além do questionamento a respeito de sua sanidade mental. Afirmam que “um governante, ou mesmo um líder, é colocado à prova exatamente nas crises. E, hoje, ela não é nem uma coisa nem outra. A autoridade se esvai quando seu exercício exige exacerbar no tom, com gritos, berros e ofensas”.



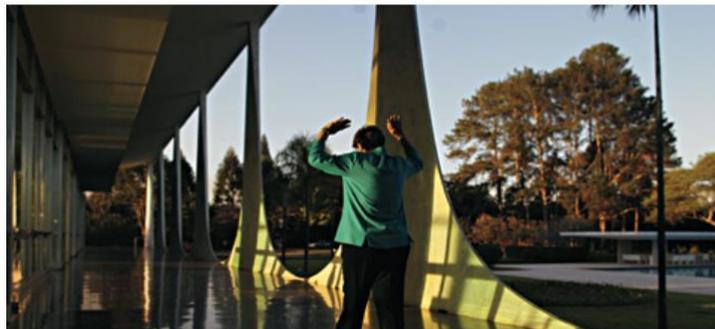
Figura 01 - Uma presidente fora de si

ISTOÉ

Brasil

Uma presidente fora de si

Bastidores do Planalto nos últimos dias mostram que a iminência do afastamento fez com que Dilma perdesse o equilíbrio e as condições emocionais para conduzir o país



Fonte: *IstoÉ*, 2016.

A capa da edição dessa matéria carregava o enunciado “As explosões nervosas da presidente” (Figura 02), juntamente com a foto de Dilma andando no Planalto, com as mãos erguidas como se estivesse descompensada, agindo de forma incompatível com o cargo em que ocupava. Foi a exibição da composição texto e imagem da ex-presidenta como uma figura louca, sempre renovando os símbolos linguísticos e imagéticos para enclausurar a mulher.

A elaboração da imagem de Rousseff enquanto louca evoca a performatização das palavras com efeito a longo prazo, onde é constituída a noção de que mulheres não podem e não conseguem exercer poder, de tal maneira que é citada a rainha Maria Francisca Isabel Josefa Antónia Gertrudes Rita Joana de Bragança, conhecida como “Maria I, a Louca”: “O psiquiatra observou que os sintomas de sandice e de negação da realidade manifestados por Maria I se agravaram na medida em que ela era colocada sob forte pressão”. O discurso empregado aprisiona a mulher, colocando em ação a dominação, tornando-se o veículo pelo qual essa estrutura social, baseada na hegemonia masculina, permanece.

Enunciados, quando proferidos pelos que estão em posição de poder, como os meios de Comunicação, produzem o efeito de subordinar aqueles a quem tais enunciados são dirigidos



(BUTLER, 2021), fazendo com que o discurso alienante quanto à posição da mulher em sociedade, além de toda a carga histórica e cultural referente aos ideais femininos, seja engendrado por voz de autoridade que o jornalismo exerce socialmente, de tal maneira que a veiculação, por parte de canais de grande difusão, de posições ideológicas acerca das mulheres, cause vulnerabilidades aos corpos femininos. O claustro da histeria colocado em Rousseff para alertar as demais vivências de que não é ideal que o poder esteja com uma mulher, é efetivo na constituição dos sujeitos quanto à noção de Outro.

Figura 02 - As explosões nervosas da presidente



Fonte: *IstoÉ*, 2016.

Em novembro de 2018, a revista *Veja* publicou o texto intitulado “Dilma, a Vigarista, merecia virar sucessora de Maria I, a Louca” (Figura 03). Com o discurso de que Rousseff apenas dizia frases desconexas e irrelevantes, o autor a chamou de “uma filhote de Lula” e de



“o poste fabricado por Lula”. Nos dois casos, a posicionando como objeto, onde um homem é responsável por ela. Ao longo dos escritos, as ofensas e dúvidas quanto à sanidade de Dilma, permanecem: “A maluquice começa a fazer sentido. A primeira a reinar nestes trêfegos trópicos foi Dona Maria, a Louca. Ninguém deveria surpreender-se caso Dona Dilma, a Vigarista, aparecesse com uma coroa na cabeça desprovida de neurônios”. A hostilidade com que Rousseff é tratada relata o desejo patriarcal de sempre retornar o corpo da mulher ao local a que ele designou: imanência e submissão. Caso contrário, é louca.

A mística feminina, grande sucesso editorial, analisa a infantilização a que as mulheres são submetidas, a fim de se adequarem aos únicos espaços que a sociedade está disposta a dar a elas, o de esposas e donas de casa submissas a um marido que as comanda. Delas, não se espera nem iniciativa nem criatividade nem liderança: ‘para uma garota, não é inteligente ser muito inteligente’. A escola, a imprensa, a publicidade e a psicanálise produziam a ideia de que a mulher necessariamente encontrava a plenitude no casamento e na maternidade, estigmatizando aquelas que não se adequavam como desviantes e necessitadas de tratamento (MIGUEL, 2014, p. 28).

Figura 03 - Dilma, a vigarista, merecia virar sucessora de Maria I, a Louca

veja

RADAR RADAR ECONÓMICO POLÍTICA ECONOMIA SAÚDE MUNDO CULTURA ESPORTE AGENDA VERDE

ASSINE

Dilma, a Vigarista, merecia virar sucessora de Maria I, a Louca

Fonte: *Veja*, 2018.

A Folha de São Paulo, em setembro de 2021, colocou em circulação a matéria intitulada “Dilma virou moribunda como um zumbi e ninguém quer seu retorno ao poder” (Figura 04). O chamamento da ex-presidenta de “zumbi” remete, novamente, ao ambiente de incapaz em que ela é posta, indicando que não se trata de um ser humano, antes, de uma criatura que se aproxima da animalidade e da objetificação, em ambos os casos, sem autonomia.



Figura 04 - Dilma virou moribunda como um zumbi e ninguém quer seu retorno ao poder

Dilma virou moribunda como um zumbi e ninguém quer seu retorno ao poder

Assim como João Goulart, ex-presidente se tornou um símbolo mitologizado ignorado até pelas esquerdas

Fonte: *Folha de São Paulo*, 2021.

Com a utilização de vocábulos desprezíveis e agressivos, o autor diz que “Dilma tem dois corpos, um mitológico e bastante vivo, embora impalpável, que serve para legitimar a narrativa do golpe; e outro semimorto, que ninguém quer enterrar.”, segue dizendo que “Ninguém quer abraçá-la de verdade, honrando sua trajetória”. É notável o ódio direcionado à imagem Dilma, bem como o uso de artifícios para que ela permaneça no local idealizado pelo patriarcado para a mulher, sendo constantemente citada de maneira objetificada.

Toda a violência simbólica tem efeitos sociais que retomam e reforçam a dominação de certos discursos (BOURDIEU, 2002). A formulação para permanência da mulher no claustro da histeria transformou a vitória da presidente em algo negativo, elucidando, aos moldes patriarcais, as razões pelas quais uma mulher no poder não é viável. O lugar de onde os formadores e mantenedores da idealização do feminino falam é um local de privilégio, fora da simbólica “Torre das Donzelas” eles estão em volta dela, no solo, elaborando formas de manter as pessoas que estão do lado de dentro, lá em cima, ainda mais apartadas do que acontece embaixo. Os narradores do que é reconhecido como a História oficial frequentemente apagam vestígios, feitos e arquivos das mulheres (PERROT, 2005).



Considerações finais

A produção jornalística e imagética na tentativa de apagamento da história da primeira presidenta do Brasil, num esforço para reduzir toda a trajetória ao claustro da histeria, se trata do empreendimento para dispersão e esquecimento da presença feminina no poder.

A relação da linguagem com o reconhecimento da legitimidade quanto ao poderio dos gêneros revela a abundância de discursos e imagens que visam a redução das mulheres como espectadoras do poder público, da História e de si mesmas. O claustro da histeria posto em Dilma Rousseff é engendrado pela noção de que as figuras do Estado, os centros de concentração de poder, necessariamente devem ser masculinos, construindo um imaginário nacional a respeito das mulheres e seus ambientes, sejam estes físicos ou simbólicos, ideais.

O jornalismo, que deveria ser exercido como uma forma de expressão democrática, estabelecendo espaços de elaborações e interlocuções, colocou-se em lugar de instrumento patriarcal exercendo opressões contra as mulheres e, igualmente, contra todo aquele tido como desviante em relação à norma dominante, sendo a perpetuação ideológica da hegemonia masculina, causando efeito devastador (GERALDES, 2016).

O fortalecimento da prática misógina, através do campo simbólico, revela a linguagem como parte de um sistema que exclui, condena e bane mulheres (BUTLER, 2021). A clausura da histeria arquitetou, através da palavra, efeitos de censura no que se refere às vivências femininas, instituindo toda uma estética histórica que descredibiliza mulheres, as afastando da possibilidade de alçar posições de autoridade, independente do âmbito de tal poder. O apagamento da ex-presidenta através do chamamento da loucura designou marcas sociais, invocando uma relação estrutural de dominação, separando e descartando mulheres.

O espaço físico da “Torre das Donzelas” não existe mais, mas permanece em diversos campos de ação, de forma simbólica, quando o intuito é o aprisionamento do feminino. As esferas, como o jornalismo, que utilizam domínios estruturais de controle de gênero, repetem discursos que há muito pretendem a total censura das mulheres. As linguagens utilizadas são dotadas de ideais que perpassam passado, presente e futuro, propondo-se a incentivar, cada vez mais, princípios que colocam e mantêm mulheres em torres fantásticas, as impossibilitando da realidade, retirando todas as formas de mobilidade.



Dilma Rousseff, que esteve presa na “Torre das Donzelas” durante a ditadura militar, alcançou o maior cargo executivo do Brasil contra todas as forças que cotidianamente organizam mecanismos que limitam a participação social das mulheres nas esferas públicas. Submeter ao claustro da histeria a única mulher que foi presidenta do país trata-se, na verdade, de condenar todo corpo feminino à desimportância e ao esquecimento, compreendendo fronteiras históricas e culturais dos gêneros.

Referências

- ALONSO, G. Dilma virou moribunda como um zumbi e ninguém quer seu retorno ao poder. **Folha de São Paulo**, 24 set. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gustavo-alonso/2021/09/dilma-virou-moribunda-como-um-zumbi-e-ninguem-quer-seu-retorno-ao-poder.shtml>. Acesso em: 30 maio 2022.
- AS EXPLOSÕES NERVOSAS DA PRESIDENTE. **IstoÉ**, Ed. 2417, 2016. Disponível em: https://istoe.com.br/edicao/894_AS+EXPLOSOES+NERVOSAS+DA+PRESIDENTE/. Acesso em: 30 maio 2022.
- BEAUVOIR, S de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BUTLER, J. **A força da não violência**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- BUTLER, J. **Discurso de ódio**: Uma política do performativo. São Paulo: Unesp, 2021.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Invenção da histeria**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- ESTEVÃO, A. M. R. **Torre das guerreiras e outras memórias**. São Paulo: Editoria 106, 2022.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- GERALDES, E. C. *et al.* **Mídia, Misoginia e Golpe**. Brasília: FAC-UnB, 2016.
- HOLLANDA, H. B. *et al.* **Pensamento feminista**: Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- HOOKS, B. **Teoria feminista**: Da Margem ao Centro. São Paulo: Perspectiva, 2020.



LAGARDE, M. *et al.* **Los cautiverios de las mujeres:** madresposas, monjas, putas, presas y locas. Cidade do México: Siglo XXI Editores México, 2016.

MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. **Feminismo e política:** uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014.

MORRISON, T. Nobel Lecture. **The Nobel Prize**, 7 dez. 1993. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1993/morrison/lecture/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

NUNES, A. Dilma, a Vigarista, merecia virar sucessora de Maria I, a Louca. **Veja**, 26 nov. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/dilma-a-vigarista-merecia- virar-sucessora-de-maria-i-a-louca/>. Acesso em: 30 maio 2022.

PARDELLAS, S.; BERGAMASCO, D. **IstoÉ**, 01 abr. 2016. Disponível em: https://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/. Acesso em: 30 maio 2022.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, M. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2005.

PERROT, M. **Os excluídos da História.** Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2021.

SCHAPIRA, L. L. **O complexo de Cassandra.** Vivendo em descrédito. A histeria numa perspectiva moderna. São Paulo: Cultrix, 1991.

SOLNIT, R. **Os homens explicam tudo para mim.** São Paulo: Cultrix, 2021.

TEMER VETA palavra “presidenta” em publicações da EBC. **Brasil 247**, 31 maio 2016. Disponível em: <https://www.brasil247.com/midia/temer-veta-palavra-presidenta-em-publicacoes-da-ebc>. Acesso em: 20 abr. 2023.

VIEIRA, P. **Marcas narrativas da cultura do estupro no ciberespaço** – Análise da misoginia contra Dilma Rousseff. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.